

a senhora do lago
- parte um
saga the witcher / volume VII
andrzej sapkowski

Tradução de Olga Bagińska-Shinzato

Adaptação de Rui Azeredo



SAÍDA DE EMERGÊNCIA
livros para fugir da rotina

*Somos da mesma matéria
De que os sonhos são feitos, e a nossa breve vida
É cingida pelo sono.*

William Shakespeare

CAPÍTULO PRIMEIRO

E seguiram em frente até chegarem a um lago de águas belas e extensas. E exatamente a meio desse lago, Artur viu um braço revestido de cetim branco que segurava uma espada maravilhosamente trabalhada. A seguir, viram uma rapariga que pisava audaciosamente o espelho de água.

— *Que rapariga encantadora é aquela?* — *perguntou Artur.*

— *Chamam-lhe Senhora do Lago* — *respondeu Merlin.*

Thomas Malory, *A Morte de Artur*

O lago era encantado. Não havia dúvidas em relação a isso. Primeiro, estava localizado perto do topo do assombrado vale Cwm Pwcca, um vale misterioso, perpetuamente coberto de bruma, famoso por feitiços e fenómenos mágicos.

Segundo, bastava olhar para lá.

A superfície da água era de um azul profundo, vívido e sereno, como uma safira polida. Era lisa como um espelho, de tal forma que até os cumes do maciço Y Wyddfa aí refletidos pareciam mais belos como reflexo do que na realidade. Uma aragem fresca e revigorante soprava do lago e nada interrompia o majestoso silêncio, nem um peixe a chapinhar na água, nem o grito de um pássaro aquático.

O cavaleiro despertou do deslumbramento, mas, em vez de continuar a percorrer a cumeada do monte, dirigiu o cavalo para baixo, na direção do lago, como se fosse atraído pela força magnética do feitiço que jazia lá em baixo, no fundo, no abismo das águas. O cavalo dava passos vacilantes entre as rochas partidas,

avisando, com uma rouquidão taciturna, que também ele sentia a aura mágica.

O cavaleiro apeou-se do cavalo apenas depois de chegar lá abaixo, à praia. Conduzindo o corcel pelas rédeas, aproximou-se da margem da água, onde uma delicada onda bailava por entre o colorido cascalho.

Ajoelhou-se, fazendo ranger a cota de malha. Ao juntar as mãos para as encher de água, espantou os alevinos, peixes miúdos e agitados, parecidos com pequenos alfinetes. Bebia com cuidado e devagar, a água gélida tornava os lábios e a língua dormentes, fazia os dentes doerem-lhe.

Quando encheu de novo as mãos com a água, ouviu um som propagado pela superfície do lago. Ergueu a cabeça. O cavalo roncou, como se confirmasse também tê-lo ouvido.

Ficou atento. Não, não era uma impressão. O que chegava aos seus ouvidos era um canto. O canto de uma mulher. Ou talvez de uma rapariga.

O cavaleiro, como todos os cavaleiros, crescera a ouvir canções de trovadores e histórias cavaleirescas, nas quais, nove em cada dez casos, as toadas ou acalantos de raparigas funcionavam como isco. Os cavaleiros que seguiam a sua voz por norma caíam numa armadilha — em muitos casos mortal.

Mas a curiosidade venceu. Afinal, o cavaleiro tinha apenas dezanove anos. Era muito corajoso e muito imprudente. Era famoso por um e conhecido pelo outro.

Verificou se a espada deslizava bem na bainha. Logo a seguir, puxou o cavalo e seguiu caminho pela praia na direção de onde ecoava o canto. Não precisou de andar muito.

Enormes blocos erráticos atulhavam a margem. Eram escuros, de tal forma polidos que brilhavam. Dir-se-ia: brinquedos de gigantes ali deixados descuidadamente ou esquecidos após uma brincadeira. Alguns dos blocos estavam dentro do lago, resplandecendo na sua negritude sob o espelho de água. Outros apareciam sobre a superfície. Banhados pela suave ondulação do mar,

pareciam dorsos de leviatãs. Porém, a maioria dos blocos estava na margem, ocupando a faixa da praia que chegava à floresta.

Alguns encontravam-se enterrados na areia, aparecendo apenas parcialmente e permitindo pressupor a sua verdadeira dimensão.

O canto que o cavaleiro ouvia provinha exatamente de trás dos blocos localizados na margem, mas a rapariga que cantava permanecia invisível. Puxou o cavalo, segurando-o pelo freio e pelas narinas para que não relinchasse ou resfolegasse.

A roupa da rapariga estava estendida num dos blocos situados dentro de água, achatado como o tampo de uma mesa. Ela própria, nua, imersa na água até à cintura, banhava-se, chapinhando e cantando. O cavaleiro não reconhecia as palavras.

E tal facto não era de estranhar.

Apostaria a sua cabeça que a rapariga não era um ser humano de carne e osso. O seu corpo esbelto, a cor de cabelo estranha e a sua voz isso mesmo comprovavam. Estava certo de que, se ela se virasse, veria enormes olhos amendoados. E, se ela penteasse o cabelo cinzento para trás, decerto revelaria orelhas pontiagudas.

Era habitante de Faërie. Uma fada. Uma dos Tylwyth Têg. Uma daquelas a quem os pictos e os irlandeses chamavam Daoine Sidhe, os Povos dos Montes, e que os saxões denominavam de elfos.

A rapariga parou de cantar por um instante, submergiu na água até ao pescoço, resfolegou, esguichou e soltou um palavrão mais do que ordinário. Porém, tal não desorientou o cavaleiro. As feiticeiras, como era de conhecimento comum, sabiam praguejar na língua dos humanos. Muitas vezes, usando uma linguagem mais reles do que a dos próprios estribeiros. E, outras vezes, a praga introduzia travessuras maldosas das quais gostavam muito e pelas quais eram famosas, como, por exemplo, aumentar o nariz de alguém até ao tamanho de um pepino, ou reduzir o órgão genital de outro até ao tamanho de uma fava.

O cavaleiro não se sentia atraído nem por uma nem por outra eventualidade. Já estava prestes a recuar discretamente quando, de

súbito, a sua presença foi revelada. Por um cavalo. Mas não pelo seu próprio corcel, que, sustentado pelas narinas, estava tranquilo e quieto como um rato. Foi o cavalo da feiticeira — uma égua negra que inicialmente passara despercebida, pois estava escondida por entre as rochas. Entretanto, a égua negra como alcatrão revolve o cascalho com os cascos e cumprimentava o outro cavalo com um relincho. O garanhão do cavaleiro sacudiu a cabeça e respondeu gentilmente, de tal forma que o eco retumbou, propagado pela água.

A fada saltou da água lançando borrifos, apresentando, por um momento, todo o seu esplendor e uma vista agradável diante do cavaleiro. Lançou-se em direção à rocha onde estendera a sua roupa, mas, em vez de pegar em alguma peça e cobrir a nudez, a elfa sacou da espada, desembainhando-a com um sibilo, e girou-a com excepcional mestria. Tudo isso durou um átimo, após o qual a fada se acocorou ou ajoelhou, escondendo-se na água até à altura do nariz, e esticou a mão com a espada acima da superfície.

O cavaleiro despertou do deslumbramento, soltou as rédeas e ajoelhou-se na areia molhada. Percebeu de imediato quem se encontrava diante dele.

— Salve — balbuciou, estendendo as mãos. — É uma grande honra para mim... Uma grande honra, Senhora do Lago. Aceitarei essa espada...

— Porque é que não te levantas e te viras? — A fada pôs os lábios acima da água. — Não podes parar de olhar e deixar que eu me vista?

Obedeceu.

Ouviu-a respingar ao sair da água, farfalhar e praguejar baixinho enquanto ajeitava a roupa no corpo molhado. Ele observou a égua negra de pelagem lisa e brilhante como a penugem de uma toupeira.

Era certamente um cavalo de sangue nobre, certamente veloz como o vento. Certamente encantado. E indubitavelmente um habitante de Faërie, assim como a sua dona.

— Podes virar-te.

— Senhora do Lago...

— E apresentar-te.

— Sou Galahad de Caer Benic. Cavaleiro do rei Artur, o senhor do castelo de Camelot, o governante da Terra do Eterno Verão, assim como Dumnónia, Dyfneint, Powys, Dyfed...

— E Temeria? — interrompeu. — Redânia, Rívia, Aedirn? Nilfgaard? Conheces esses nomes?

— Não. Nunca ouvi falar deles.

Ela encolheu os ombros. Além da espada, segurava na mão os sapatos e a blusa, lavada e escorrida.

— Foi o que eu suspeitei. E que dia é hoje?

— Hoje é... — ficou boquiaberto, extremamente surpreso — a segunda lua cheia após Beltane... Senhora...

— Ciri — disse automaticamente, mexendo os ombros para ajustar melhor a roupa na pele ainda molhada. Falava de forma estranha, os seus olhos eram verdes e enormes...

Puxou, de forma espontânea, o cabelo molhado para o lado, e o cavaleiro suspirou involuntariamente. Não só porque a sua orelha era normal como as orelhas dos humanos. Certamente, não era élfica. A sua bochecha estava deformada por uma grande e repugnante cicatriz. Fora ferida. Mas será que uma fada poderia ser ferida?

Ela reparou no olhar dele, semicerrou os olhos e franziu o nariz.

— É isso mesmo, uma cicatriz! — disse com o seu sotaque surpreendente. — Porque é que estás com um ar tão assustado? Uma cicatriz é algo assim tão estranho para um cavaleiro? É realmente tão repugnante?

Lentamente, ele retirou o capuz com ambas as mãos e puxou o cabelo para o lado.

— Realmente não é nada estranho para um cavaleiro — disse ele, cheio de orgulho juvenil, mostrando a sua própria cicatriz fresca que corria desde a têmpora até ao queixo. — As únicas

cicatrizes que causam repugnância são as cicatrizes na honra. Sou Galahad, filho de Lancelote do Lago e de Elaine, filha do rei Pelles, senhor de Caer Benic. Esta ferida foi-me infligida por Breunis, o *Impiedoso*, o ímpio opressor das raparigas, antes de ser por mim derrubado num duelo justo. Deveras, estou digno de receber essa espada das tuas mãos, ó Senhora do Lago...

— Como?

— A espada. Estou pronto para a receber.

— É a minha espada. Não deixo que ninguém lhe toque.

— Mas...

— Mas, o quê?

— A Senhora do Lago sempre... Sempre emergiu das águas para entregar uma espada.

Ela permaneceu calada durante algum tempo.

— Percebo — disse por fim. — Bom, cada terra com o seu costume. Sinto muito, Galahad, ou seja lá qual for o teu nome, mas obviamente deparaste-te com a Senhora errada. Não entrego nada, nem deixo que ninguém me tire algo. Só para deixar as coisas claras.

— Mas — atreveu-se ele —, a senhora vem de Faërie, não vem?

— Venho, sim — disse ela após um instante, e parecia que os seus olhos verdes estavam a olhar para dentro do abismo do tempo e do espaço. — Venho de Rívia, da cidade com o mesmo nome, do lago Loc Eskalott. Vim de barco, havia névoa. Não vi as margens. Ouvei apenas o relincho da *Kelpie*... A minha égua que corria atrás de mim, seguindo o meu rasto.

Estendeu a blusa molhada sobre a pedra. E o cavaleiro suspirou de novo. A blusa estava lavada, mas não por completo. Ainda se viam manchas de sangue.

— A corrente do rio trouxe-me até aqui — retomou a palavra a rapariga. Não reparou no que ele vira ou fingiu não ter notado. — A corrente do rio e o feitiço do unicórnio... Como se chama este lago?

— Não sei — admitiu ele. — Há tantos lagos aqui em Gwynedd...

— Em Gwynedd?

— Pois, sim. Aqueles montes são Y Wyddfa. Mantendo-os do lado esquerdo e seguindo pelas florestas, ao fim de uns dias, chega-se a Dinas Dinlleu e depois a Caer Dathal. E o rio... O rio mais próximo é...

— Não importa o nome do rio mais próximo. Será que tens algo que se coma, Galahad? Estou mesmo a morrer de fome.

— Porque olhas assim para mim? Tens medo que eu desapareça? Que suba aos céus com o teu pão duro e a tua linguíça? Não tenhas medo. No meu próprio mundo meti-me em alguns sarilhos e pus em causa o meu destino, por isso de momento não posso aparecer por lá. Permanecerei no teu durante algum tempo. Num mundo em que não se procura o Dragão, ou as Sete Cabras no céu noturno. Em que é exatamente a segunda lua cheia após Belleteyn e Belleteyn pronuncia-se como Beltane. Então, porque olhas assim para mim?

— Não sabia que as fadas comiam.

— Fadas, feiticeiras e elfas. Todas comem. E bebem. E por aí fora.

— Como?

— Não importa.

Quanto mais olhava para ela, mais ela perdia a aura mágica, tornava-se humana e simples, até comum. No entanto, sabia que não era assim, não podia ser assim. Não se encontram raparigas comuns ao pé de Y Wyddfa, nas redondezas de Cwm Pwcca, que tomam banho nuas em lagos serranos e lavam blusas ensanguentadas. Não importa como era esta rapariga, mas certamente não podia ser um ente terrestre. Contudo, Galahad já se sentia à vontade e olhava sem medo para os seus cabelos cor de rato, que para seu espanto, agora, depois de secos, resplandeciam com mechas alvacentas. Olhava também para as suas mãos finas, nariz pequeno e lábios pálidos, para as suas vestes masculinas com

um corte um tanto estranho, feito de um tecido delicado de uma trama muito densa. Para a sua espada, estranhamente construída e ornamentada, mas que decerto não parecia um adorno de ostentação. Para os seus pés descalços cobertos com a areia seca da praia.

— Só para esclarecer — disse ela, esfregando um pé contra o outro —, não sou elfa. Contudo, sou uma feiticeira, isto é, fada... um tanto incomum. Eh, talvez nem seja uma fada.

— Lamento, a sério.

— E qual seria, por acaso, o motivo do teu lamento?

— Dizem... — Ele enrubesceu e gaguejou. — Dizem que as fadas, quando encontram jovens, levam-nos a Elfland e lá... Debaixo do pé de uma aveleira, num tapete de musgo, mandam prestar serviços...

— Entendi. — Olhou para ele de relance e logo a seguir mordeu a língua com força.

— Quanto à Terra dos Elfos — engoliu e disse —, fugi de lá há algum tempo e não estou com pressa de voltar. Já quanto à prestação de serviços no tapete de musgo... Realmente, Galahad, encontrei a Senhora errada. Mesmo assim, agradeço muito o teu entusiasmo.

— Senhora! Não queria ofender-te...

— Não precisas de te desculpar.

— Tudo pelo facto — balbuciou — de a senhora ser tão formosa.

— Agradeço novamente. Mas isso não muda nada.

Permaneceram em silêncio por algum tempo. Estava calor. O Sol, no zénite, aquecera as pedras que emanavam um calor agradável. Um leve zéfito enrugou a superfície da água.

— O que significa... — disse, de repente, Galahad, com uma voz estranhamente exaltada. — O que significa a lança com a ponta ensanguentada? O que significa e porque sofre o rei com a coxa perfurada? O que significa a rapariga vestida de branco que carrega o graal, uma travessa de prata...

— E fora isso — interrompeu-o —, sentes-te bem?

— Só estou a perguntar.

— E eu não percebo a pergunta. É algum tipo de senha? Um sinal pelo qual se reconhecem os iniciados? Explica-te, por gentileza.

— Não conseguirei.

— Então, o que te levou a perguntar?

— Porque... — Atrapalhou-se. — Pois, sucintamente... Um dos nossos não perguntou, embora tivesse tido a oportunidade. Ficou mudo ou tímido... Não perguntou, e aconteceram muitas desgraças por causa disso. A partir de então, perguntamos sempre, por via das dúvidas.

— Neste mundo há feiticeiros? Sabes, aqueles que lidam com a magia. Magos. Versados.

— Merlin. E Morgana. Mas a Morgana é má.

— E Merlin?

— Mais ou menos.

— Sabes onde posso encontrá-lo?

— Claro! Em Camelot. Na corte do rei Artur. Diriço-me exatamente para lá.

— É longe?

— Daqui é preciso ir a Powys, até ao rio Hafren, depois segui-lo até Glevum, para o Mar de Sabrina, e de lá para a Terra do Eterno Verão, que fica perto. No total, uns dez dias de caminho...

— É demasiado longe.

— É possível... — gaguejou — cortar um pouco o caminho, atravessando Cwm Pwcca. Mas é um vale assombrado. É um lugar assustador. Lá vivem os Y Dynan Bach Têg, os malvados anões...

— E para que serve a espada? Para enfeitar?

— E o que adianta uma espada contra os feitiços?

— Adianta, adianta, sim, não te preocupes. Eu sou bruxa. Já

ouviste falar disso? Eh, claro que não. Pois não tenho medo desses anões. Tenho muitos amigos entre eles.

Com certeza, pensou ele.

— Senhora do Lago?

— O meu nome é Ciri. Não me chames Senhora do Lago. Esse nome evoca-me coisas más, desagradáveis, nefastas. Era assim que eles me chamavam, na Terra... Como é que lhe chamaste?

— Faërie. Ou Annwn, de acordo com os druidas. E os saxões dizem: Elfland.

— Elfland... — Ela tapou os ombros com uma manta picta aos quadrados por ele cedida. — Estive lá, sabias? Entrei na Torre da Andorinha e bum, já estava entre os elfos. E eles chamavam-me exatamente assim. A Senhora do Lago. De início, eu até gostava do nome. Sentia-me lisonjeada. Até ao momento em que percebi que nessa terra, nessa torre e nas margens desse lago, não sou nenhuma Senhora, mas sim uma prisioneira.

— Foi lá — não aguentou — que manchaste a blusa com sangue?

Permaneceu calada por um longo momento.

— Não — respondeu por fim e pareceu-lhe que a sua voz tremeu levemente. — Não foi lá. És um bom observador. Bom, não há como fugir à verdade, esconder a cabeça na areia... Sim, Galahad. Nos últimos tempos, tenho-me manchado com frequência com o sangue dos inimigos que matei. E com o sangue dos mais chegados que tentei resgatar... E que morreram nos meus braços... Porque olhas assim para mim?

— Não sei se és uma deia ou uma mortal... Ou uma das divindades... Mas se és habitante da morada terrestre...

— Por gentileza, vai diretamente ao assunto.

— Gostaria... — Os olhos de Galahad flamejaram. — De ouvir a tua história. Poderias contá-la, senhora?

— É uma longa história.

— Temos tempo.

— Mas o desfecho não é feliz.

— Não acredito.

— Porquê?

— Cantavas enquanto tomavas banho.

— És um bom observador. — Virou o rosto, cerrou os lábios e, de repente, o seu semblante contraiu-se e adquiriu uma aparência repugnante. — Sim, és bom observador. Mas és muito ingénuo.

— Conta-me a tua história, por favor.

— Eh. — Suspirou. — Tudo bem, já que assim queres...
Contarei, então.

Sentou-se numa posição confortável. E ele também. Os cavalos andavam pela margem da floresta a morder relva e ervas.

— Do início — pediu Galahad. — Mesmo do início...

— Parece-me cada vez mais — disse ela, após um instante, cobrindo-se bem com a manta picta — que esta história é uma daquelas que não tem início. Tão-pouco tenho a certeza se já terminou. Deves ter a noção de que o passado se emaranhou horrivelmente com o futuro. Um certo elfo disse-me até que isso funciona como aquela serpente que crava os dentes na sua própria cauda. Fica a saber que essa serpente se chama Uroboros. E o facto de ela morder a sua própria cauda quer dizer que o círculo se fecha. Cada momento do tempo carrega em si o passado, o presente e o futuro. Cada momento do tempo carrega em si a eternidade. Percebes?

— Não.

— Não faz mal.

CAPÍTULO SEGUNDO

Em verdade vos digo, quem confia nos sonhos é como se quisesse prender o vento ou capturar a sombra. Ilude-se com uma imagem enganadora, um espelho torto que mente ou diz disparates à semelhança de uma mulher que pare. Na verdade, insensato é aquele que acredita nos sonhos e segue o caminho da ilusão.

*Contudo, aquele que menospreza os sonhos e nem sequer acredita neles também insensato é. Pois, se os sonhos fossem desprovidos de qualquer significado, então para que é que nos dotariam os deuses da capacidade de sonhar quando nos criaram?
A sabedoria do profeta Lebioda, 34,1*

*Tudo o que vemos ou parecemos
Não é mais do que um sonho dentro de um sonho
Edgar Allan Poe*

Um vento leve agitava a superfície do lago que lançava vapor como um caldeirão e dispersava sobre a mesma os farrapos da bruma que se dissipava. As forquetas rangiam e estrugiam ritmicamente, as pás dos remos que emergiam da água semeavam um granizo de gotas cintilantes.

Condwiramurs pôs o braço fora do bordo. O barco deslizava tão devagar que a água se agitou minimamente e atingiu-lhe a mão.

— Que velocidade, hein? — disse, conferindo à sua voz o

máximo de sarcasmo possível. — Estamos a voar sobre as ondas. Até fiquei tonta!

O remador, de baixa estatura, rechonchudo e atarracado, respondeu balbuciando algo com raiva. Nem sequer levantou a cabeça com uma cabeleira branca e crespa como o pelo de um cordeiro. A noviça já estava farta, pois desde que subira ao barco, o velho rabugento rezingava, pigarreava e gemia sempre que evitava responder às suas perguntas.

— Tenha mais cuidado — disse enfaticamente, mantendo a calma com dificuldade. — Se continuar a remar com tanta força, é provável que tenha uma obstrução intestinal.

Dessa vez o homem ergueu o rosto bronzeado, escuro como o couro curtido. Rezingou, pigarreou e num gesto executado pelo queixo coberto com uma cerda branca, apontou para uma bobina de madeira presa ao bordo e para uma linha que desaparecia dentro da água, esticada pelo movimento do barco. Claramente convencido de que a explicação fora suficiente, voltou a remar no mesmo ritmo de antes. Os remos para cima. Intervalo. A metade da pá dos remos para dentro da água. Um longo intervalo. Remada. Um intervalo mais longo ainda.

— Humm — disse Condwiramurs espontaneamente, olhando para o céu. — Entendo. O que importa é o isco puxado atrás do barco que precisa de se deslocar com a velocidade certa e na profundidade adequada. O que importa é a pesca. O resto não importa.

Isso era tão óbvio que o homem nem se deu ao trabalho de resmungar ou pigarrear.

— Porque é que alguém se importaria — Condwiramurs deu continuidade ao monólogo — se viajo toda a noite? Ou se estou com fome? Se as minhas nádegas estão a doer e com comichão por causa do banco duro e molhado? Se estou com vontade de urinar? Não, o importante é pescar de arrasto. Que imbecil, aliás. Não irá conseguir pescar nada com o isco arrastado no meio da corrente a uma profundidade de trinta e cinco metros.

O homem ergueu a cabeça, lançou-lhe um olhar repulsivo e balbuciou de forma muito, mas muito balbuciante. Condwiramurs soltou um sorriso, contente consigo mesma. O homem rabugento continuava a remar devagar. Estava furioso.

Ajeitou-se no banco na popa e cruzou as pernas de forma a que a abertura no vestido deixasse muito à mostra.

O homem balbuciou, apertou as mãos calosas nos remos, fingindo que olhava apenas para a linha de pescar. Nem cogitou a possibilidade de acelerar a velocidade com que remava. A noviça suspirou e passou a observar o céu.

As forquetas rangiam, as gotículas cintilantes caíam das pás dos remos.

Na névoa que se levantava rapidamente, surgiram os contornos baços de uma ilha e um roliço obelisco escuro de uma torre. O homem rabugento, embora estivesse sentado de costas e não se tivesse virado uma única vez, de alguma maneira reconheceu que estavam quase a chegar ao destino. Colocou, sem pressa, os remos em cima dos bordos, levantou-se e começou a recolher a linha enrolando-a na bobina. Condwiramurs, ainda com as pernas cruzadas, assobiava, olhando para o céu.

O homem enrolou a linha até ao fim e olhou para o isco — uma grande colher de latão munida de um triplo gancho com uma pequena borla de lã vermelha.

— Ai, ai — disse Condwiramurs num tom doce. — Não pescou nada, mas que pena. Porque será que teve tanto azar? Talvez estivesse a remar demasiado depressa?

O homem lançou-lhe um olhar que transmitia muitas coisas feias. Sentou-se, pigarreou, cuspiu borda fora, pegou nos remos com as mãos calosas e estirou as costas. Os remos bateram contra a água, estrugiram nas forquetas e o barco deslizou pela superfície do lago como uma flecha. A água espumou na proa, rumorejando, e redemoinhou atrás da popa. Atravessaram a distância de um quarto de tiro de arco que os separava da ilha num tempo mais curto que dois balbucios, e o barco deslizou sobre o

cascalho com tanto ímpeto que levou Condwiramurs a cair do banco.

O homem balbuciou, pigarreou e cuspiu. A noviça sabia que a tradução disso para a língua dos povos civilizados seria: saia do meu barco, sua bruxa sabichona. Sabia também que não podia contar que ele a carregasse nos braços. Tirou os sapatos, levantou o vestido a uma altura provocante e desceu. Conteve um palavrão, ao sentir as conchas a picarem-lhe os pés.

— Obrigada pelo passeio — disse, cerrando os dentes.

Não esperou pela resposta balbuciada, nem olhou para trás. Seguiu em frente, descalça, em direção às escadas de pedra. Todo o desconforto e todas as moléstias passaram, esvaneceram-se sem deixar qualquer rasto, turvadas pela crescente ansiedade. Estava, pois, na ilha Inis Vitre, no lago Loc Blest. Estava num lugar quase lendário, frequentado por poucos escolhidos.

A névoa matinal levantou por completo. A rubra bola solar começou a aparecer por entre o céu opaco. Andorinhões passavam num relance, as gaivotas grasnavam e sobrevoavam os acónitos na torre.

No topo das escadas que levavam da praia ao terraço, apoiada numa estatueta de uma sorridente quimera de cócoras, estava Nimue.

A Senhora do Lago.

Tinha uma estatura baixa e o seu corpo era franzino. Media pouco mais de metro e meio. Condwiramurs ouvira dizer que, em pequena, lhe chamavam Polegarzinho. Agora percebia que a alcunha era adequada. Mas estava convencida de que ninguém se atrevia a chamar a pequena feiticeira por esse nome há pelo menos meio século.

— Sou Condwiramurs Tilly — apresentou-se e curvou-se, um pouco apreensiva, ainda com os sapatos na mão. — Estou contente por poder estar na sua ilha, Senhora do Lago.

— Nimue. — A pequena maga corrigiu-a ligeiramente. — Nimue, e mais nada. Podemos dispensar os títulos e epítetos, senhorita Tilly.

— Nesse caso sou Condwiramurs. Condwiramurs, e mais nada.

— Venha então, Condwiramurs. Conversaremos durante o pequeno-almoço. Deve estar com fome.

— Não nego.

Ao pequeno-almoço, havia queijo fresco, cebolinha, ovos, leite e pão integral servidos por duas jovens e discretas criadas que cheiravam a goma de engomar. Condwiramurs sentia que a pequena feiticeira a examinava com o olhar enquanto comia.

— A torre — disse Nimue lentamente, observando cada movimento e quase cada porção de comida que Condwiramurs levava à boca — tem seis andares, dos quais um está localizado no subsolo. Os seus aposentos ficam no segundo andar. Lá terá todo o tipo de conforto necessário para viver bem. Como vê, o rés-do-chão faz parte da área de serviço, os aposentos dos criados também estão aqui situados. O laboratório, a biblioteca e a galeria ocupam o subsolo, assim como o primeiro e o terceiro andares. Terá permissão para entrar e acesso ilimitado a todos os andares mencionados e divisões neles localizados. Pode fazer uso deles, e de tudo o que há neles, quando quiser e da maneira que entender.

— Percebido. Obrigada.

— Os meus aposentos privados e o meu gabinete particular ficam nos dois últimos andares. São compartimentos absolutamente privados. E para evitar desentendimentos, sou extremamente sensível a essas coisas.

— Vou respeitar a sua vontade.

Nimue virou a cabeça para a janela da qual se via o Rabugento Senhor Remador que já tratara da bagagem de Condwiramurs

e agora colocava no barco varas, bobinas, redes e nassas, assim como outra parafernália da indústria pesqueira.

— Sou um pouco antiquada — continuou. — Mas habituei-me a ter o direito exclusivo a usar certas coisas. A escova de dentes, por exemplo. Aposentos privados, a biblioteca, a casa de banho. E o Rei Pescador. Não tente, por favor, solicitar os serviços dele.

Condwiramurs quase se engasgou com o leite. Não se via nenhuma expressão no semblante de Nimue.

— E se ele... — retomou, antes que a rapariga recuperasse a fala. — Se ele tentar pedir os seus serviços, negue.

Condwiramurs, por fim tendo conseguido engolir, rapidamente assentiu com a cabeça. Absteve-se de qualquer comentário, embora tivesse a resposta pronta na ponta da língua de que não gostava de pescadores, especialmente pescadores rabugentos com a cabeça cheia de cabelo branco parecido com queijo fresco.

— Siiim — disse Nimue, de forma prolongada. — Então a introdução já foi feita. Está na hora de passarmos a assuntos concretos. Não tem curiosidade em saber porque é que, de todas as candidatas, a escolhi precisamente a si?

Condwiramurs, se por acaso pensou na resposta, foi só para não parecer demasiado presunçosa. Contudo, chegou logo à conclusão de que, perante Nimue, uma humildade minimamente falsa pareceria demasiado falsa.

— Sou a melhor brizomante da academia. — A sua resposta foi fria, concreta e desprovida de enaltecimento. — E no terceiro ano fui a segunda entre as oniromantes.

— Mas eu poderia ter escolhido aquela que ocupava o primeiro lugar. — De facto, Nimue era exageradamente franca. — Mas, cá entre nós... sugeriram-me que ficasse com aquela rapariga estudiosa, e até com certa insistência, pois parece que era filha importante de alguém importante. E quanto aos sonhos, à oniromancia, deve saber, cara Condwiramurs, que é um dom bastante caprichoso. Até a melhor oniromante pode falhar.

Condwiramurs quis responder que as suas falhas se podiam

contar pelos dedos de apenas uma mão, mas manteve a boca fechada. Caramba, estava a falar com uma perita. *Mantenha as proporções certas, minha senhora*, como dizia um dos professores da academia, um erudita.

Nimue enalteceu o seu silêncio com um leve aceno da cabeça.

— Fui informar-me à academia — disse após um instante. — Por isso sei que não precisa de recorrer aos entorpecentes para sonhar. Esse facto agrada-me, pois não tolero narcóticos.

— Sonho sem qualquer tipo de ajuda de drogas — confirmou Condwiramurs com um leve orgulho. — Preciso apenas de um anzol para a oniromancia.

— Como?

— Um anzol, então? — A noviça tossicou. — Isto é, um objeto ligado de alguma forma àquilo sobre o que devo sonhar. Uma coisa qualquer. Ou uma imagem...

— Imagem?

— Humm. Sonho bem à base de imagens.

— Oh. — Nimue sorriu. — Se uma imagem puder ajudar, então não haverá problemas. Se já terminou o pequeno-almoço, então vamos, a melhor brizomante e a segunda entre as oniromantes. É necessário que lhe explique desde já os motivos pelos quais a escolhi precisamente a si para ser minha assistente.

As paredes de pedra exalavam uma frieza que nem as pesadas tapeçarias, nem sequer o escuro revestimento de madeira, conseguiam amenizar. O frio do piso de pedra passava pelas solas dos sapatos.

— Atrás desta porta — Nimue apontou com descuido —, fica o laboratório. Como já disse, pode usá-lo quando quiser. Mas, claro, é aconselhável que tenha cautela e moderação, especialmente quando for obrigar a vassoura a levar a água.

Condwiramurs riu-se por cortesia, embora a piada fosse antiquada. Todas as mentoras contavam aos seus discípulos piadas relacionadas com os míticos apuros de um mítico aluno de um necromante.

As escadas subiam enroscando-se, à semelhança de uma serpente marinha. Pareciam não ter fim. E eram íngremes. Antes de chegarem ao destino, Condwiramurs ficou ofegante e encharcada em suor. Contudo, Nimue nem sequer parecia cansada.

— Por aqui, por favor. — Abriu a porta de carvalho. — Cuidado com a soleira.

Condwiramurs entrou e suspirou.

A câmara era uma galeria. As paredes, desde o teto até ao chão, encontravam-se repletas de quadros. Havia pinturas a óleo enormes, antigas e rachadas, miniaturas, gravuras amareladas e xilografuras, aguarelas desbotadas e sépias. Havia também guaches modernistas de cores vivas, têmperas, águas-tintas e águas-fortes de linhas finas, litografias e gravuras em metal contrastadas que atraíam a atenção com expressivas manchas negras.

Nimue parou diante da pintura que estava mais próxima da porta, um quadro que mostrava um grupo reunido por baixo de uma árvore. Olhou para ele, depois para Condwiramurs e o seu olhar taciturno era extraordinariamente enfático.

— Jaskier — disse a noviça, que logo percebeu do que se tratava, não a deixando esperar muito tempo. — A cantar baladas por baixo do carvalho Bleobheris.

Nimue sorriu e acenou com a cabeça. Deu um passo e parou diante do quadro seguinte. Aguarela. Simbolismo. Duas silhuetas femininas num monte. Acima delas... gaivotas a esvoaçar em círculos, abaixo delas, nas encostas dos montes... um séquito de sombras.

— Ciri e Triss Merigold, a visão profética em Kaer Morhen.

Sorriso, aceno, um passo, outro quadro. Um cavaleiro sobre um corcel a galope numa aleia de amieiros retorcidos que estendem os braços dos seus ramos na sua direção. Condwiramurs sentiu calafrios a percorrer-lhe todo o corpo.

— Hmm... Parece Ciri a cavalgar ao encontro de Geralt na quinta do anão Hofmeier.

Outro quadro, a óleo, escurecido. Cena de uma batalha.

— Geralt e Cahir defendem a ponte no Jaruga.

Depois aceleraram o passo.

— Yennefer e Ciri, o seu primeiro encontro no templo de Melitele. Jaskier e a dríade Eithne na floresta de Brokilon. A companhia de Geralt durante o nevão no passo Malheur...

— Parabéns, ótimo — interrompeu Nimue. — Extraordinário conhecimento das lendas. Agora já conhece o segundo motivo pelo qual está aqui, e não qualquer outra pessoa.

Uma enorme pintura militar dominava a mesinha de ébano onde estavam sentadas. Mostrava, aparentemente, a batalha de Brenna, um momento crucial da batalha, isto é, a morte espalhafatosamente heroica de alguém. O quadro era, sem dúvida, uma obra de Nicolau Certosa. Esse facto podia ser reconhecido pela expressividade, pelo cuidado impecável nos detalhes e pelos efeitos de luz característicos do autor.

— Claro, conheço a lenda sobre o bruxo e a bruxa — respondeu Condwiramurs. — Conheço-a, não hesito em dizer. Quando era pequena, amava essa história, reli-a inúmeras vezes. E sonhava em ser Yennefer. Contudo, serei sincera: mesmo que tivesse sido um amor à primeira vista, mesmo que tivesse sido ardente e tempestuoso... Não era eterno.

Nimue ergueu as sobrancelhas.

— Eu cheguei a conhecer a história — retomou Condwiramurs — em resenhas e versões para adolescentes, resumos recortados e suprimidos *ad usum delphini*. Depois, naturalmente, comecei a ler as tais versões sérias e completas, extensas até aos limites da redundância que, às vezes, até ultrapassavam esses limites. Foi então que a paixão deu lugar a uma reflexão fria, e a paixão selvagem, a algo parecido com a obrigação conjugal. Não sei se entende o que digo.

Com um aceno quase invisível da cabeça, Nimue confirmou que entendia.

— Resumindo, prefiro as lendas que estão mais arraigadas na

convenção lendária, que não misturam a ficção com a realidade, não tentam integrar uma simples e sincera moral de um conto de fadas com uma verdade histórica profundamente amoral. Prefiro as lendas sem os posfácios de enciclopedistas, arqueólogos ou historiadores. Aquelas cuja convenção é livre de experiências. Prefiro que o príncipe suba até ao cume da Montanha de Cristal, beije a bela adormecida que acorda para depois viverem felizes para sempre. Esse deveria ser exatamente o desfecho de uma lenda... Quem é o autor deste retrato de Ciri, *en pied*?

— Não existe nenhum retrato de Ciri. — A voz da pequena feiticeira era objetiva e desprovida de emoções. — Nem aqui nem em nenhum lugar do mundo. Não sobrou nenhum retrato, nenhuma miniatura pintada por alguém que pudesse ter visto, conhecido ou, pelo menos, recordado Ciri. O retrato *en pied* mostra Pavetta, a mãe de Ciri, e foi pintado pelo anão Ruiz Dorrit, o pintor real na corte dos reis de Cintra. Sabe-se que Dorrit retratou Ciri quando tinha dez anos, também *en pied*, mas o quadro, chamado *A infanta com o lebréu*, infelizmente desapareceu. Mas voltemos à lenda e à sua relação com ela. E a como uma lenda deveria terminar.

— Deveria terminar bem — disse Condwiramurs com uma convicção petulante. — O bem e o justo devem triunfar, o mal, receber um castigo exemplar, e o amor, unir os amantes até à morte. E, caramba, nenhuma das personagens bondosas pode morrer! E a lenda de Ciri? Como termina?

— Pois é. Como?

Condwiramurs permaneceu calada por um momento. Não contava com uma pergunta assim, achou que se tratava de uma prova, de um teste, de um ardil. Permanecia calada, pois não queria ser apanhada.

Como termina a lenda de Geralt e Ciri? Todos sabem.

Olhava para uma aguarela em tons escuros na qual se via uma balsa disforme que deslizava pela superfície de um lago enevoado. Era uma balsa propulsionada por uma mulher com uma longa vara na mão, apresentada apenas como uma negra silhueta.

É precisamente assim que termina essa lenda. Exatamente assim.

Nimue lia-lhe os pensamentos.

— Não há certeza disso, Condwiramurs. Não há nenhuma certeza disso.

— Conheci a lenda — começou a dizer Nimue — por intermédio de um caminhante contador de histórias. Fui uma criança criada no campo, a quarta filha do carroceiro local. Os momentos em que Pogwizd, o contador de histórias andejo, vinha à nossa vila foram os mais bonitos de toda a minha infância. Podia-se descansar do trabalho duro e ver com os olhos da alma essas maravilhas, esse mundo longínquo... Um mundo belo e espetacular... Mais afastado e mais maravilhoso do que a feira na cidade situada a nove milhas de distância... Tinha, então, uns seis ou sete anos. A minha irmã mais velha tinha catorze e já estava torta de tanto se curvar durante o trabalho. O destino das mulheres! Lá, as meninas eram preparadas para isso desde pequenas. A corcovar-se! Corcovar-se sem fim, a corcovar-se e a curvar-se para trabalhar, a debruçar-se sobre os filhos, a inclinar-se sob o peso da barriga que o homem lhe fazia mal recuperava do parto... Foram essas histórias contadas pelo caminhante que fizeram com que eu começasse a desejar algo mais do que uma corcunda e trabalho sem fim, a sonhar com algo mais do que a safra, o marido e os filhos. A lenda de Ciri foi o primeiro livro que comprei com o dinheiro ganho do lucro obtido da venda das amoras colhidas com as minhas próprias mãos na floresta. Era a versão suprimida, como lhe chamavam apropriadamente, para as crianças, um resumo *ad usum delphini*. Era a versão perfeita para mim. Lia mal, mas já naquela época sabia o que queria. Queria ser como Filippa Eilhart, Sheala de Tancarville ou Assire var Anahid...

Ambas olharam para o guache que mostrava uma câmara num castelo envolta num subtil *chiaroscuro*, uma mesa e mulheres sentadas ao redor dela. Eram mulheres lendárias.

— Na academia — retomou Nimue —, na qual consegui entrar apenas à segunda tentativa, nas aulas de história da magia ocupei-me do mito apenas sob o aspeto da Grande Loja. No início, simplesmente não tinha tempo para ler por prazer, tinha de estudar para... Conseguir acompanhar as filhas de condes e banqueiros para as quais tudo era fácil e que se riam de uma rapariga do campo...

Emudeceu, estalou os dedos.

— Finalmente — voltou a falar —, arranjei tempo para ler, mas, então, cheguei à conclusão de que as peripécias de Geralt e Ciri já me interessavam muito menos do que na infância. Surgiu uma síndrome semelhante àquela que vivenciou. Como é que lhe chamou? Obrigação conjugal? Foi assim até ao momento...

Emudeceu, esfregou o rosto. Condwiramurs reparou, com espanto, que a mão da Senhora do Lago tremia.

— Tinha por volta de dezoito anos quando... Quando algo aconteceu. Algo que fez com que a lenda de Ciri se reavivasse em mim, que fez com que eu começasse a ocupar-me dela de uma forma séria e científica. Que fez com que eu lhe dedicasse a minha vida.

A noviça permaneceu em silêncio, embora por dentro fervesse de curiosidade.

— Não finja que não sabe — disse Nimue pungentemente. — Pois todos sabem que a Senhora do Lago está possuída por uma obsessão quase doentia pela lenda de Ciri. Todos comentam à socapa como uma loucura, inicialmente inocente, se transformou em algo parecido com uma dependência narcótica ou até uma mania. Há muita verdade nesses mexericos, minha cara Condwiramurs, muita verdade! E você, já que foi escolhida por mim para ser minha assistente, também cairá nessa mania e dependência. Vou exigir-lhe isso. Pelo menos, durante o estágio. Entende?

A noviça confirmou com um aceno da cabeça.

— Acha que entende. — Nimue acalmou-se e suavizou. — Mas eu irei explicar-lhe aos poucos. E, quando chegar a altura certa, explicar-lhe-ei tudo. Por enquanto...

Interrompeu-se, olhando pela janela para o lago, para a negra linha do barco do Rei Pescador que se destacava nitidamente da dourada e luzidia superfície da água.

— Por enquanto descanse. Contemple a galeria. Nos armários e nas vitrinas irá encontrar álbuns e caixas com gravuras, todas tematicamente relacionadas com a lenda. Na biblioteca há todas as versões e transformações da lenda, inclusive a maioria das pesquisas científicas acerca do assunto. Dedique-lhes um pouco de tempo. Observe, leia e concentre-se. Quero que tenha o material necessário para sonhar. Um anzol, como referiu.

— Vou fazê-lo. Senhora Nimue?

— Sim?

— Estes dois retratos... Os que estão pendurados um ao lado do outro... Também não são retratos de Ciri?

— Não há nenhum retrato de Ciri — repetiu pacientemente Nimue. — Os artistas posteriores mostravam-na exclusivamente em cenas, cada um de acordo com a sua própria imaginação. Quanto a estes retratos, então o da esquerda provavelmente também é uma variação livre do tema, pois mostra a elfa Lara Dorren aep Shiadhal, uma pessoa que a pintora não poderia ter conhecido. A artista, que deve conhecer da lenda, era Lydia van Bredevoort. Uma das telas a óleo de sua autoria sobreviveu e encontra-se na academia.

— Eu sei. E este retrato?

Nimue mirou demoradamente a pintura, a imagem de uma rapariga que usava um vestido branco com mangas verdes, esbelta, de cabelos claros, e com um olhar triste.

— Foi pintada por Robin Anderida — disse, virando-se para fitar Condwiramurs diretamente nos olhos. — É você, brizomante e oniromante, que me vai dizer quem é a pessoa retratada... Sonhe com o quadro e conte-me o seu sonho.